

VIDA

MUNDIAL

O MUNDO NUMA SEMANA

Director e Editor: FRANCISCO EUGÉNIO MARTINS

Redacção e Administração: R. do Seculo, 63 - Telef. PBX. 362753
Propriedade da Sociedade Nacional de Tipografia - Composição e impressão: R. do Seculo, 41 - LISBOA-2

ANO XXVIII - N.º 1418 - 12 de Agosto de 1966 - Preço 1\$50

OS AMERICANOS NA EUROPA

O movimento a favor da retirada da totalidade, ou de grande parte, dos americanos que constituem o corpo expedicionário que actualmente se encontra na Europa, é cada vez mais acentuado nos Estados Unidos. Atitudes e decisões recentes mostram que esse movimento tem a devida importância nos meios dirigentes daquele país, políticos e militares. O senador Mike Mansfield, «leader» da maioria democrática no Senado, advogou aquela retirada, acrescentando que no continente europeu devem ficar apenas uma ou duas divisões as quais farão o mesmo que

as seis que actualmente se encontram deste lado do Atlântico. Uma subcomissão escolhida pela Câmara dos Representantes para estudar o assunto e propor soluções para o resolver, advogou o mesmo princípio, invocando as razões em que este se baseia. Mas os argumentos do senador Mansfield e do autor do relatório da subcomissão divergem e basta recordá-las para reconhecer como divergem as teses correntes do outro lado do Atlântico.

O senador Mansfield afirma que a retirada da maior parte do corpo expedicionário americano não afectará a defesa da Europa pois aquele tem um significado simbólico e não chegaria para se opor a qualquer ataque soviético. Ora, diz o senador, esse resultado tanto se conseguirá com uma ou com seis divisões. A subcomissão da Câmara dos

Representantes advoga a retirada por motivos diferentes. A presença na Europa de um corpo expedicionário americano, afirma o autor do relatório, faz com que os países europeus não realizem, para sua defesa, o esforço que é de desejar. Assim, quatro nações — Grã-Bretanha, França, Alemanha Ocidental e Itália — não têm em serviço militar nada que se pareça com vinte divisões apesar de disporem de uma população superior a duzentos milhões de habitantes. Os americanos encontram-se, portanto, na Europa a fazer aquilo que os europeus deveriam fazer e não fazem. Com o tempo a situação suscitará uma reacção nos Estados Unidos cujas consequências serão da maior gravidade para as duas partes, para os Estados Unidos e para as nações da Europa Ocidental.

NIGÉRIA: AS TRIBOS E A NAÇÃO

Os recentes distúrbios revolucionários que tiveram lugar na Nigéria mostram-se ainda demasiadamente obscuros para podermos ser claramente analisados. Uma das suas causas fundamentais é, no entanto, o facto inofensível de que a unidade artificialmente imposta pelas necessidades comerciais e estratégicas de uma antiga potência colonial não sobrevive, necessariamente, na independência; as antigas divergências tribais, culturais e religiosas podem impor tensões impossíveis à criação de um sentimento novo e instável de «nacionalidade».

A divisão do subcontinente indiano, as rebeliões das ilhas peri-

féricas que afligiam, perpetuamente, a Indonésia durante a vigência de Sukarno, a longa guerra do Congo — tudo isso são exemplos desse aspecto actual da «criação de nações». E os Estados Unidos deviam mostrar-se compreensivos a esse respeito; viram como as suas antigas colónias tiveram a maior das dificuldades para se agregar, muito embora fossem muito mais homogêneas do que a maioria dos novos Estados existentes. Cerca de cem anos depois da revolução, os Estados Unidos viram-se divididos por uma grande guerra civil.

A despeito da sua cultura predominantemente espanhola, a América Latina, fragmentou-se, também,

tendo falhado todas as tentativas para formar, ao menos, uniões federais separadas.

É fora de dúvida que a ideia federal, com um amplo respeito pelos hábitos e costumes locais, constitui o melhor sistema inicial para qualquer Estado novo e complexo. A conformidade imposta, enquanto a ideia da nacionalidade é quase incompreensível para uma grande maioria da população e as rivalidades locais continuam acesas, representa uma negação da liberdade. É verdade que o federalismo pode compensar a fraqueza, sobretudo quando o Estado tem tantas coisas a fazer, económica e culturalmente, para promover o bem-estar da população. Mas a grande, a maior fonte de perigo é, sem dúvida, a paixão separatista das minorias que se sentem constringidas.

(Do «NEW YORK HERALD TRIBUNE»)

A LUTA PELO PODER

EM PEQUIM

QUEM SUCEDERÁ

A

MAO?



O general Lo Jui Ching, chefe do estado-maior do exército chinês e vice-primeiro ministro da China, foi substituído pelo general Yang Chen Wu

A PÓS vários meses, confirma-se que a vida política chinesa tem vindo a ser perturbada por um conflito cujo objectivo é a sucessão de Mao Tsé Tung. O Ocidente só se apercebeu deste conflito quando algum ou um grupo dos interessados foi eliminado da corrida para o Poder. Foi o que se passou há dias, quando Pequim anunciava a evicção do chefe do estado-maior do Exército e a sua substituição por um jovem coronel (ou ex-coronel, pois as patentes já não existem no exército chinês).

O estado de Mao Tsé Tung está na origem da crise chinesa. Quando o velho revolucionário teve de renunciar por motivos de saúde a controlar «os aspectos técnicos do Poder», reservou-se porém a função de arbitrar os grandes debates e as decisões de que depende a sorte futura da China, ficando subentendido que o seu pensamento continua a inspirar tudo o que se passa em Pequim. Com efeito, parece que Mao já não se encontra física e mentalmente em estado de assumir o papel de animador da Revolução. O episódio no Yang Tsé Kiang é evidentemente apenas um artifício de propaganda.

A questão de quem lhe sucederá põe-se portanto com acuidade e viu-se pelas recentes depurações que os pretendentes se situam no círculo dos homens de pensamento do novo regime e nas esferas dirigentes do exército, as duas grandes especialidades de Mao.

O chefe do estado-maior da China Popular, general Lo Jui Ching, foi substituído pelo general Yong Cheng Wu, apresentado como chefe interino do estado-maior. Tudo leva a crer que a depuração no exército chinês tenha começado

pelo topo e que o general Lo Jui Ching caísse em desgraça.

No banquete do 39.º aniversário da criação do Exército Popular de Libertação, o general Lo Jui Ching estava ausente e foi o novo chefe do estado-maior interino que pronunciou a principal alocução. Notou-se igualmente a ausência de várias outras personalidades: Hsiao Hua, director do departamento de Política Geral; Juang Huo Hsing, procurador-geral; Hsiao Ching Kuang, comandante da Marinha; e Hsieh Fu Chih, comandante das Forças de Segurança. Faltavam também o ministro-adjunto da Defesa, Hsu Chi Hu e os chefes adjuntos do estado-maior: Peng Cho Kui e Yang Yun.

Em artigo difundido pela agência «Nova China», o jornal do Exército evoca por outro lado uma purga recente que atingiu os «representantes da burguesia que se apoderaram de postos importantes no exército e que eram membros importantes da clique contra-revolucionária, antipartido e anti-socialista... Censura-se aos culpados votar toda a sua atenção aos assuntos militares e técnicos, em detrimento da política, contra-

(Continua na pág. 2)



UM EMPREENDIMENTO DE PROJECCÃO INTERNACIONAL

Com 16 quilómetros de auto-estrada, 32 estruturas de betão armado e um viaduto, o complexo da ponte sobre o Tejo ficou a constituir, desde o passado sábado, um dos mais preciosos patrimónios com que a economia portuguesa pode contar. Notável como obra de engenharia, bela e confortável como realização urbanística, é no entanto, como empreendimento económico que a Ponte Salazar

assinala uma data e marca uma época da vida nacional, dela se esperando para o futuro todos os benefícios a que naturalmente aspiram e têm direito todos os portugueses. Unindo num ponto vital as duas margens do rio, a ponte tornou o País mais pequeno: Norte e Sul encontram-se agora mais perto e mais perto ficam os portugueses de aquém e além Tejo; para que, unidos, façam hoje Portugal de amanhã

O mais completo DOCUMENTÁRIO

da vida internacional